



Rubens Pavão

Evocando o poeta Armando Cortes Rodrigues

No 130º aniversário do seu nascimento

“Ao recordar o Mestre – que conheci mais de perto através de Teotónio Machado de Andrade nas tertúlias e nas caldeiradas da ‘Fonte Milagrosa’ - evoco as gerações de alunos que, como eu, ‘por aqui ficaram’, mas que ainda hoje se reconhecem fortalecidos no espírito e no conhecimento das coisas da vida pelos saberes recebidos, sem esquecer tantos outros Mestres que, no mesmo Liceu, igualmente contribuíram para nos ajudar a ser o que fomos e o que ainda somos!”

Uma açoriana muito Amiga que vive em Lisboa e continua a fazer “do mar a via de ligação que nos une...”, costuma mandar-me, para meu conhecimento e transmissão, o Boletim editado pela “Casa dos Açores”, através do qual me mantenho informado acerca da atividade que ali desenvolvem, sobretudo em termos de cultura e ou de acolhimento aos que ali residem e a algum “imigrante” sempre no desejo de um dia voltar...

A última edição faz referência ao facto de se celebrar, neste domingo 28 de Fevereiro 2021, o 130º aniversário do nascimento em Vila Franca do Campo, do Poeta Armando Cortes Rodrigues, meu professor a partir do 3º ano do Liceu – isto no ano lectivo de 1946/47 - até completar o curso geral.

Então com 56 anos, para nós era uma pessoa cujo porte inspirava respeito, por vezes usava fato de estampanha, sempre de laço, o que não era vulgar aos outros professores.

No dizer do antigo aluno Armando Rocha “no aprumo do seu pesado físico que lhe dava ao mesmo tempo um ar de gentleman e de homem robusto das ilhas, de pés bem fincados na terra que o viu nascer e como ninguém soube cantar”.

Víamos fugir das correntes de ar que eram frequentes sobretudo nos corredores do rés-do-chão e socorria-se dum lenço para tapar o nariz, fugindo aos “ventos encanados”, que muito afligiam a sua saúde. E, entre nós, por via de familiares, sabíamos que era uma personagem representativa das letras açorianas, um professor competente, mas pouco tolerante, isto é, na aula “ninguém piava”, a não ser quando fossemos solicitados ou advertidos de alguma falta cometida... mas havia também diálogo muito proveitoso das coisas ligadas à terra, ao mar, aos usos e costumes do seu povo e à beleza da sua paisagem:

*Enche com a tua presença este ar lavado,
Ar de Outono, que tem
Como um encanto vago de saudade...*

*Folhas doiradas pelo chão doirado...
Ó voz moça, que cantas mais além
A alegria da tua mocidade!*

*Boca de riso, boca em flor, desabrochando,
Boca pura!
É a terra, cantando
O seu poema de eterna formosura.*

Mas como sempre se aprende enquanto é vida, nesses últimos tempos, foi através da tese de doutoramento que defendeu em Estudos Portugueses, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, a Professora e Investigadora Anabela Almeida intitulada “Armando Cortes - Rodrigues, vida e obra do Poeta Açoriano do Orpheu”, que melhor entendi o seu percurso de vida, bem como os movimentos literários, políticos e sociais que integrou.



Um grupo de alunos do 3º ano no ano lectivo de 1947/48, com o Professor Armando Cortes Rodrigues, com a boa disposição que sempre aparentava ... para além das aulas.

Aliás, já em “Testemunhos duma Geração-1967” é ele que se revê em si mesmo: “Morro depois duma vida intensa e tormentosa em que me aconteceu ter que fazer quase sempre o não desejava e vir muitas vezes a fazer o que não devia. Isso me deu uma larga visão das coisas e a certeza confirmada da verdade e da excelência da Igreja Católica Romana, como milagre de perene vivência de Cristo”.

Morre em 14 de Outubro de 1971, sendo sepultado no dia seguinte na sua terra natal, envergando o hábito franciscano e, segundo o que escreveu o Dr. João Bernardo de Oliveira Rodrigues, seu colega e biógrafo, no “In Memória” que lhe foi dedicado “na sua estrutura ideológica, profundamente penetrada do convívio com a gente do campo e do mar, que muito de perto conheceu e amou, intervém a sua devoção por S. Francisco, cuja biografia apaixonadamente lera na juventude e imbuíra o seu espírito de um amor à Natureza, tomada como maravilha suprema da criação divina e em cuja contemplação se deleitava com profunda religiosidade”...

A ocorrência da efeméride que agora evocamos, fez-me voltar a um passado que parecia não estar ainda tão distante, tal é a forma muito próxima como sempre recordo o “meu” Liceu. Contudo, voltando à realidade, fiz contas e... são já passados 71 anos sobre aquele nosso primeiro encontro com o Mestre:... uma vida! E tantas outras vidas de professores, de colegas e de trabalhadores do mesmo Liceu que já desapareceram do nosso convívio, mas continuam a marcar uma presença entre a tradição e a modernidade destes novos tempos e onde já sobressai a geração dos netos e dos bisnetos!

O “Diário dos Açores” manteve sempre uma relação de afectiva amizade para com o Dr. Armando Cortes Rodrigues, que foi talvez um dos seus mais celebrados colaboradores, sobretudo quando entre os anos de 1961 e 1966, publicou uma série de crónicas que redigiu para serem proferidas pelo Emissor Regional dos Açores e depois reunidas em dois volumes “A VOZ DO LONGE”, por feliz iniciativa do Instituto Cultural de Ponta Delgada “onde em pequenos trechos, versando assuntos vindos a talho de foice que a imaginação do Poeta se comprazia em comentar com saudável humor ou crítica desapassionada, mas sempre em linguagem fluente e de um sentido rítmico próprio de quem tem a poesia dentro de si”.

Creio que, nas suas deliciosas páginas, esta obra expressa a veia que sempre escorreu daquele “Armando Cortes Rodrigues – de Vila Franca do Campo”, (como ele gostava que fosse reconhecido para além da morte), pois no Prefácio, de novo se reconhece que foi “como um homem de letras de excepcional craveira e um poeta de tão funda raiz literária como nos seus melhores livros de versos”.

Ao recordar o Mestre – que conheci mais de perto através de Teotónio Machado de Andrade nas tertúlias e nas caldeiradas da “Fonte Milagrosa” - evoco as gerações de alunos que, como eu, “por aqui ficaram”, mas que ainda hoje se reconhecem fortalecidos no espírito e no conhecimento das coisas da vida pelos saberes recebidos, sem esquecer tantos outros Mestres que, no mesmo Liceu, igualmente contribuíram para nos ajudar a ser o que fomos e o que ainda somos!